

Faltam capitais no Nordeste

Tânia Bacelar alerta para a concentração de investimentos no Centro-Sul do País

por Maria José Quadros
de Salvador

O XI Congresso Brasileiro de Economistas trouxe à tona uma questão que há algum tempo é motivo de preocupação entre planejadores da área sócio-econômica nos Estados do Nordeste: a retomada da concentração de investimentos na região Centro-sul do País, que dispõe dos chamados novos fatores de atração de capitais, basicamente uma boa oferta de serviços, mão-de-obra qualificada e aparato de produção de conhecimento.

A tendência, detectada há algum tempo pelo economista Clélio Campolina, foi colocada em discussão pela professora da Universidade Federal de Pernambuco Tânia Bacelar, ex-secretária de Planejamento e da Fazenda do governo pernambucano, ao participar de uma mesa-redonda sobre o tema "A Questão Regional", na última terça-feira.

O raciocínio se prende à localização da base produtiva do país, que desde o início do século esteve na região sudeste, voltando-se nas décadas de 70 e 80 para o centro-oeste. Nos anos 90, estaria havendo um processo de reconcentração de investimentos no centro-sul, não mais no eixo Rio-São Paulo mas numa espécie de quadrilátero que começa na região de Belo Horizonte, passa pelo interior de São Paulo, desce até o norte do Rio Grande do Sul e retorna por Joinville, em Santa Catarina, a Minas Gerais.

É esta área que abriga os maiores focos de competitividade, inclusive em termos do Mercosul, do qual o Nordeste só poderá tirar proveitos parciais. Tânia Bacelar entende que para a região nordestina não sofrer um atraso ainda maior em relação à parte mais desenvolvida do país, será necessário disputar junto ao governo federal uma política que dote a região de infra-estrutura econômica, de ciência e tecnologia.

Mas a seu ver, nada indica que as elites políticas, acadêmicas e empresariais estejam percebendo esta necessidade. O governo, disse

ela, não conta sequer com uma política industrial para o país, preferindo deixar tudo ao sabor do mercado. "Quem decide é o mercado e quem não for competitivo desaparece. O resultado é que caminhamos para um paroxismo internacionalizado, no qual seremos nada mais do que pedaços dinâmicos de um país que desistiu de ser uma nação integrada".

Tânia Bacelar observou que o Nordeste jamais conseguirá atrair investimentos através de ações de Prefeituras ou de guerras fiscais entre os Estados, sem uma política clara do governo federal. Por enquanto, tudo com que a região conta são os recursos do Fundo Constitucional do Nordeste (FNE), do Fundo de Investimentos do Nordeste (Finor) e do BNDES, via programa Nordeste Competitivo, insuficientes para implantar uma infra-estrutura moderna na região, afirmou.

Outra questão levantada por Tânia Bacelar durante a mesa-redonda foi a privatização. Ela está concluindo uma pesquisa sobre "Os Efeitos Regionais da Privatização e da Desregulamentação" para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e se manifestou preocupada, em especial, com a forma de privatização da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf).

Como se trata não apenas de uma empresa, mas de um complexo que reúne nove estatais concessionárias de energia e várias hidrelétricas, ela acha que a companhia só deverá ser privatizada como um todo, sob pena de conturbar totalmente o sistema de energia do Nordeste.

"Se se privatizar Furnas, por exemplo, não haverá problema, já que se trata de uma empresa que produz e distribui energia. Mas a Chesf é muito mais do que uma produtora, é a grande gerenciadora das águas do rio São Francisco. Assim, se a empresa for loteada, com as hidrelétricas sendo privatizadas isoladamente, os resultados para o sistema poderão ser funestos", previniu.

